

Universidade da Beira Interior

Desenho de Linguagens de Programação e de Compiladores

Simão Melo de Sousa

Aula 8 - Compilação de linguagens funcionais

na aula de hoje, concentramo-nos sobre a compilação das **linguagens funcionais**

vamos em particular explicar

- a compilação das funções como valores de primeira classe
- a optimização das chamadas terminais
- o filtro (*pattern matching*)

funções como valores de primeira classe

consideramos um mini-fragmento de OCaml

```
e ::= c
      | x
      | fun x → e
      | e e
      | let [rec] x = e in e
      | if e then e else e
```

```
d ::= let [rec] x = e
```

```
p ::= d ... d
```

como no mini-pascal, as funções podem ser aninhadas

```
let soma n =  
  let f x = x * x in  
  let rec ciclo i =  
    if i = n then 0 else f i + ciclo (i+1)  
  in  
  ciclo 0
```

e o porte estático é o mesmo

mas é igualmente possível passar funções como argumentos

```
let square f x = f (f x)
```

e retornar funções

```
let f x = if x < 0 then fun y -> y - x else fun y -> y + x
```

em particular aplicações parciais

```
let f x =  
  let g y = x * y in g
```

neste ultimo caso, o valor devolvido por `f` é uma função que utiliza `x` mas a tabela de activação de `f` acaba precisamente de terminar !

não podemos assim compilar funções como no caso de Pascal

a solução consiste em utilizar um **fecho**, isto é, uma estrutura de dados alocada na *heap* (para poder sobreviver às chamadas de função) contendo

- um **apontador para o código** da função por chamar
- o valor das variáveis susceptíveis de ser utilizado por este código ; esta parte do fecho é designado de **ambiente**

P. J. Landin, *The Mechanical Evaluation of Expressions*,
The Computer Journal, 1964

The mechanical evaluation of expressions

By P. J. Landin

This paper is a contribution to the "theory" of the activity of using computers. It shows how some forms of expression used in current programming languages can be modified to Church's λ-notation, and then describes a way of "interpreting" such expressions. This suggests a method of analyzing the things computers must do, that applies to many different problems, and to different phases of the activity of using a computer. Also a technique is introduced by which the various computer information structures become functions characterized in their essentials, without commitment to specific notations or other representations.

Introduction

The point of departure of this paper is the idea of a machine for evaluating subexpressions, such as

1. $(3 + 4) \times 5 + 6 \times (7 + 8)$
2. If $2^x < 3^y$ then $11x/2$ else $11y/2$
3. $\sqrt{\frac{(11 \cos \pi/17) - \sqrt{1 - 11 \sin \pi/17}}{(17 \cos \pi/17 + \sqrt{1 - 17 \sin \pi/17})}}$

Any experienced computer user knows that his activity actually resembles giving a machine a mechanical expansion and waiting for the answer. He is involved with flow diagrams, with replacement and sequencing, with program, data and jobs, and with input and output. These are good reasons why current information-processing systems are designed to do these things. Nevertheless, the questions arise: Is there any way of extending the notion of "name" so as to serve some of the needs of computer users without all the complications of using computers? Are there features of "names" that correspond to such characteristically computerish concepts as flow diagrams, jobs, output, etc.?

This paper is an introduction to a current attempt to provide affirmative answers to these questions. It leaves many gaps, gets rather cursory towards the end, and, even so, does not take the development very far. It is hoped that further treatment appears, putting right these deficits, will appear elsewhere.

Expressions

Applicative structure
Many symbolic expressions can be characterized by their "operator/operator" structure. For instance

$$a(b2 + 3)$$

can be characterized as the expression whose operator is \uparrow and whose two operands are respectively a , and the expression whose operator is $+$, and whose two operands are respectively the expression whose operator is 2 and whose two operands are respectively 2 and 3 . Operator/operator structure, or "applicative" structure, as it will be called here, can be exhibited more clearly by using a notation in which each operator

is written explicitly and prefixed to its operand(s), and each operand (or operand(s)) is enclosed in brackets, e.g.

$$(\uparrow a + (\times (2, 3), 3))$$

This notation is a sort of standard notation in which all the expressions in this paper could (with some loss of elegance) be rendered.

The following remarks about applicative structure will be illustrated by examples in which an expression is written in two ways: on the left in some notation whose applicative structure is being discussed, and on the right in a form that displays the applicative structure more explicitly, e.g.

$$a(b2 + 3) \quad (\uparrow a + (\times (2, 3), 3))$$

$$(a + 3)(b - 4) + \quad + (\times (+ 6, 3), - (5, 4))$$

$$(5 - 10)(- 4) \quad - (\uparrow + 6, 3) - (5, 4)$$

In both these examples the right-hand version is in the "standard" notation. In most of the illustrations that follow, the right-hand version will not more clearly emphasize (if irrelevant features of the left-hand version are carried over in non-standard form). Thus the applicative structure of subexpressions is illustrated by

$$a^b \quad a^{\uparrow(b)(4)}$$

Some familiar expressions have features that offer several alternative applicative structures, with an obvious criterion by which to choose between them. For example

$$3 + 4 + 5 + 6 \quad \begin{cases} +(+(+(-4), 5), 6) \\ +(-3, +6, +(-13, 6)) \\ \uparrow(3, 4, 5, 6) \end{cases}$$

where \uparrow is taken to be a function that operates on a list of numbers and produces their sum. Again

$$a^b \quad \begin{cases} \uparrow(1, 6, 7) \\ \uparrow(a, 6) \end{cases}$$

where \uparrow is taken to be exponentiation.

quais são, precisamente, as variáveis que devem constar do ambiente do fecho representando $\text{fun } x \rightarrow e$?

são as **variáveis livres** de $\text{fun } x \rightarrow e$

lembrete : o conjunto das variáveis livres de uma expressão calcula-se da seguinte forma

$$\begin{aligned}
 fv(c) &= \emptyset \\
 fv(x) &= \{x\} \\
 fv(\text{fun } x \rightarrow e) &= fv(e) \setminus \{x\} \\
 fv(e_1 \ e_2) &= fv(e_1) \cup fv(e_2) \\
 fv(\text{let } x = e_1 \text{ in } e_2) &= fv(e_1) \cup (fv(e_2) \setminus \{x\}) \\
 fv(\text{let rec } x = e_1 \text{ in } e_2) &= (fv(e_1) \cup fv(e_2)) \setminus \{x\} \\
 fv(\text{if } e_1 \text{ then } e_2 \text{ else } e_3) &= fv(e_1) \cup fv(e_2) \cup fv(e_3)
 \end{aligned}$$

consideremos o programa seguinte que aproxima $\int_0^1 x^n dx$

```
let rec pow i x = if i = 0 then 1. else x *. pow (i-1) x

let integrate_xn n =
  let f = pow n in
  let eps = 0.001 in
  let rec sum x =
    if x >= 1. then 0. else f x +. sum (x +. eps) in
  sum 0. *. eps
```

facemos aparecer a construção `fun` explicitamente e examinemos os diferentes fechos

```
let rec pow =  
  fun i ->  
    fun x -> if i = 0 then 1. else x *. pow (i-1) x
```

- o primeiro fecho, `fun i ->`, o ambiente `{pow}`
- no segundo, `fun x ->`, vale `{i,pow}`

```
let integrate_xn = fun n ->
  let f = pow n in
  let eps = 0.001 in
  let rec sum =
    fun x -> if x >= 1. then 0. else f x +. sum (x+.eps) in
  sum 0. *. eps
```

- para fun n ->, o ambiente vale {pow}
- para fun x ->, o ambiente vale {eps, f, sum}

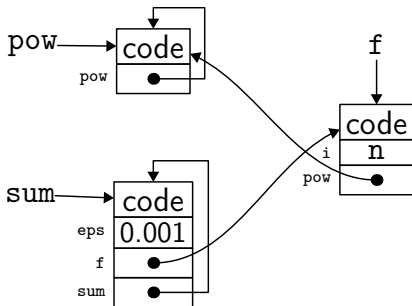
o fecho pode ser representado da forma seguinte :

- um único bloco na *heap*, em que :
- o primeiro campo contém o endereço do código
- os campos seguintes contemplam os valores das variáveis livres, e unicamente essas

(outras soluções são possíveis : o ambiente num segundo bloco ; fechos em cadeia (em lista ligada) ; fecho contendo todas as variáveis ligadas ao ponto da criação)

```

let rec pow i x = if i = 0 then 1. else x *. pow (i-1) x
let integrate_xn n =
  let f = pow n in
  let eps = 0.001 in
  let rec sum x = if x >= 1. then 0. else f x +. sum (x+.eps) in
  sum 0. *. eps
  
```



uma forma relativamente simples de compilar fechos consiste em proceder em dois passos

1. procuramos no código todas as construções $\text{fun } x \rightarrow e$ e e e substituímo-las com uma operação explícita de construção de fecho

$$\text{clos } f [y_1, \dots, y_n]$$

onde os y_i são as variáveis livres de $\text{fun } x \rightarrow e$ e f o nome dado a uma declaração global de função da forma

$$\text{letfun } f [y_1, \dots, y_n] x = e'$$

onde e' é obtido a partir de e por remoção recursiva das construções fun (*closure conversion*)

2. compila-se o código obtido, que não contém mais nenhuma declaração da forma letfun

no caso do exemplo anterior, isso dá

```
letfun fun2 [i,pow] x =
  if i = 0 then 1. else x *. pow (i-1) x
letfun fun1 [pow] i =
  clos fun2 [i,pow]
let rec pow =
  clos fun1 [pow]
letfun fun3 [eps,f,sum] x =
  if x >= 1. then 0. else f x +. sum (x +. eps)
letfun fun4 [pow] n =
  let f = pow n in
  let eps = 0.001 in
  let rec sum = clos fun3 [eps,f,sum] in
  sum 0. *. eps
let integrate_xn =
  clos fun4 [pow]
```

antes

```

type var = string

type expr =
  | Evar of var
  | Efun of var * expr
  | Eapp of expr * expr
  | Elet of var * expr * expr
  | Eif of expr * expr * expr
  | ...
type decl = var * expr

type prog = decl list

```

depois

```

type var =
  | Vglobal of string
  | Vlocal of int
  | Vclos of int
  | Varg
type expr =
  | Evar of var
  | Eclos of string * var list
  | Eapp of expr * expr
  | Elet of int * expr * expr
  | Eif of expr * expr * expr
  | ...
type decl =
  | Let of string * expr
  | Letfun of string * expr
type prog = decl list

```


em particular, um identificador pode representar

- $V_{global} s$: uma variável global (introduzida por `let`) com nome s
- $V_{local} n$: uma variável local (introduzida por `let in`), na posição n na tabela de activação
- $V_{clos} n$: uma variável contida no fecho, na posição n
- V_{arg} : o único argumento da função (o x de `fun x -> e`)

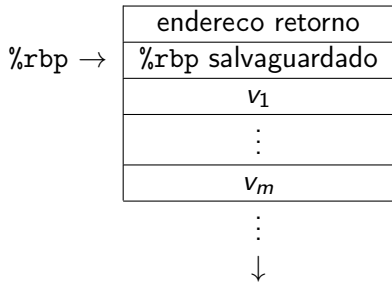
a análise de porte pode ser aplicada em conjunto com a explicitação dos fechos

cada função tem um argumento único (Varg), que passaremos pelo registo %rdi

o fecho será passado via %rsi

a tabela de activação assemelha-se ao seguinte, onde v_1, \dots, v_m são as variáveis locais

é integralmente construído pelo *callee*



expliquemos agora como compilar

- a construção de um fecho $E_{\text{clos}}(f, l)$
- uma chamada de função $E_{\text{app}}(e_1, e_2)$
- o acesso a uma variável $E_{\text{var}} x$
- uma declaração de função $E_{\text{letfun}}(f, e)$

para compilar a construção

$$\text{Eclos}(f, [y_1, \dots, y_n])$$

procedemos da seguinte forma

1. alocamos um bloco de tamanho $n + 1$ na *heap* (com `malloc`)
2. arquivamos o endereço de f no campo 0
(f é uma etiqueta no código e obtemos o seu endereço com $\$f$)
3. arquivamos os valores das variáveis y_1, \dots, y_n nos campos 1 a n
4. retornamos o apontador para o bloco

nota : assumimos a existência do GC que tratará de libertar este bloco quando possível (o funcionamento dum GC será explicado mais adiante)

para compilar uma chamada da forma

$$E_{app}(e_1, e_2)$$

procedemos da seguinte forma

1. compilamos e_1 no registo `%rsi`
(o seu valor é um apontador p_1 para um fecho)
2. compilamos e_2 no registo `%rdi`
3. chamamos a função cujo endereço está no primeiro campo do fecho,
com `call *(%rsi)`
(salto para um endereço calculado, indirecto)

para compilar um acesso a uma variável

Evar x

distinguimos quatro casos, consoante o valor de x

- `Vglobal s` : o valor encontra-se no endereço dado pela etiqueta `s`
- `Vlocal n` : o valor encontra-se no endereço dado por `n(%rbp)`
- `Vclos n` : o valor encontra-se no endereço dado por `n(%rsi)`
- `Varg` : o valor encontra-se em `%rdi`

finalmente, para compilar a declaração

$$\text{Letfun}(f, e)$$

procedemos como para uma habitual declaração de função

1. alocamos uma tabela de activação que contém em particular o espaço para as variáveis locais de e
2. salvaguarda-se ali $\%rbp$ e posiciona-se $\%rbp$
3. avaliamos e
 - em particular, procuramos o valor de y_i no ambiente, cujo endereço é dado pelo primeiro argumento ($\$a0$)
 - o valor de x é directamente dado pelo segundo argumento ($\$a1$)
4. restabelecemos $\%rbp$ e desalocamos a tabela de activação
5. executamos `ret`

é dispendioso criar os fechos intermédios numa chamada onde n argumentos são fornecidos

$$f\ e_1\ \dots\ e_n$$

e onde a função f é definida por

$$\text{let } f\ x_1\ \dots\ x_n = e$$

uma chamada « tradicional » poderia ser aqui feita, onde todos os argumentos são passados de uma vez

Por outro lado, uma aplicação parcial de f produziria um fecho

OCaml faz esta optimização ; sobre código de « primeira ordem » obtemos a mesma eficiência do que no caso de uma linguagem não funcional.

uma outra optimização é possível : quando sabemos que um fecho não irá sobreviver à função na qual foi criada, esta pode ser alocada na pilha no lugar da *heap*.

é o caso do fecho para *f* em

```
let integrate_xn n =
  let f = ... in
  let eps = 0.001 in
  let rec sum x = if x >= 1. then 0. else f x +. sum (x+.eps) in
  sum 0. *. eps
```

mas para assegurar que esta optimização é possível, é necessário efectuar uma optimização não trivial (*escape analysis*)

encontramos fechos noutras linguagens de programação como, por exemplo

- Java, desde 2014 na versão 8
- C++, desde 2011 na versão C++11

nestas linguagens, as funções anónimas são conhecidas por **lambdas**

uma função é um objecto como qualquer outro, dispondo de um método `apply`

```
LinkedList<B> map(LinkedList<A> l, Function<A, B> f) {  
    ... f.apply(x) ...  
}
```

uma função anónima é introduzida via o operador `->`

```
map(l, x -> { System.out.print(x); return x+y; })
```

o compilador contrói um objecto **fecho** (que captura aqui a variável livre `y`) que contempla um método `apply`

uma função anónima é introduzida com a sintaxe []

```
for_each(v.begin(), v.end(), [y](int &x){ x += y; });
```

podemos especificar as variáveis capturadas no fecho (aqui y)

podemos especificar uma captura por referência (aqui, de s)

```
for_each(v.begin(), v.end(), [y,&s](int x){ s += y*x; });
```

optimização das chamadas terminais

Definição

Dizemos que uma **chamada** ($f \ e_1 \ \dots \ e_n$) que aparece no corpo de uma função g é **terminal** (*tail call*) se é a última coisa que g calcula antes de retornar o seu resultado.

por extensão, podemos que uma função é **recursiva terminal** (*tail recursive function*) se se trata de uma função recursiva cujas chamadas recursivas são todas chamadas terminais

a chamada terminal não é necessariamente uma chamada recursiva

```
let g x = let y = x * x in f y
```

dentro de uma função recursiva podemos ter chamadas recursivas terminais e outras que não o são

```
let rec f91 n =  
  if n <= 100 then f91 (f91 (n + 11)) else n - 10
```

que interesse do ponto de vista da compilação ?

podemos destruir a tabela de activação da função onde se encontra a chamada **antes** de fazer a chamada, visto que não ser mais utilizada

melhor, podemos reutilizá-la para a chamada terminal que devemos fazer (em particular, o endereço de retorno aí arquivado continua a ser o endereço certo)

dito de outra forma, podemos fazer o salto (**jump**) em vez de uma chamada (**call**)

consideremos

```
let rec fact acc n =
  if n <= 1 then acc else fact (acc * n) (n-1)
```

uma compilação clássica dá

```
fact:
    movq    $1, %rdx
    cmpq    %rdx, %rsi
    jle     L0                # n <= 1 ?
    imulq   %rsi, %rdi        # acc <- acc * n
    decq    %rsi              # n <- n - 1
    call    fact
    ret
L0:    movq    %rdi, %rax
    ret
```

optimizando a chamada terminal, obtemos

```
fact:  movq    $1, %rdx
       cmpq   %rdx, %rsi
       jle   L0           # n <= 1 ?
       imulq %rsi, %rdi   # acc <- acc * n
       decq  %rsi        # n <- n - 1
       jmp  fact
L0:    movq   %rdi, %rax
       ret
```

o resultado é assim um **ciclo**

o código é de facto idêntico ao código obtido por uma compilação de um programa C de forma

```
while (n > 1) {  
    acc = acc * n;  
    n   = n - 1  
}
```

e isto, sem que hajam construções imperativas na linguagem considerada !

o programa obtido é mais eficiente

em particular porque acedemos menos à memória (não se utiliza mais nem **call** nem **ret**)

o espaço utilizado na pilha torna-se constante

em particular, evita-se os *stack overflow* que resultariam de um número demasiado grande de chamadas recursivas aninhadas.

```
Stack overflow during evaluation (looping recursion?).
```

```
Fatal error: exception Stack_overflow
```

```
Exception in thread "main" java.lang.StackOverflowError
```

```
Segmentation fault
```

etc.

é importante notar que a noção de chamada terminal

- não é específica das linguagens funcionais (não lhe são próprias)
⇒ a sua compilação pode ser otimizada no contexto de qualquer linguagem
(por exemplo, `gcc -O2` realiza tal otimização)
- não está ligada a recursividade
(mesmo se é verdade que os casos de *stack overflow* são muitas vezes causados por funções recursivas)

exercício dado o seguinte tipo das árvores binárias

```
type 'a tree = Empty | Node of 'a tree * 'a * 'a tree
```

escrever uma função que calcula a altura de uma árvore

```
val height: 'a tree -> int
```

requisito implícito: deve funcionar para qualquer árvore

o código natural

```
let rec height = function
| Empty          -> 0
| Node (l, _, r) -> 1 + max (height l) (height r)
```

provoca um erro de transbordamento de pilha (em inglês, **stack overflow**) quando aplicada a árvores de grande tamanho

em vez de calcular a altura a de uma árvore, calculemos $a(k)$ para uma função k qualquer, designada de **continuação**
 esta continuação captura a noção de: ***o que fazer a seguir***

```
val height = 'a tree -> (int -> 'b) -> 'b
```

este estilo de programação é conhecido por

programação por continuações (*continuation passing style*, em inglês)

o programa visado deduz-se com a continuação
identidade, isto é,
 $\text{height } t \text{ (fun } a \text{ -> } a)$

Theoretical Computer Science 1 (1973) 115-119. © North-Holland Publishing Company

CALL-BY-NAME, CALL-BY-VALUE AND THE λ -CALCULUS

G. D. PLOTKIN

Department of Machine Intelligence, School of Artificial Intelligence, University of Edinburgh, Edinburgh, United Kingdom

Communicated by R. Milner
 Received 1 August 1974

Abstract. This paper examines the old question of the relationship between BWIM and the λ -calculus, using the distinction between call-by-value and call-by-name. It is held that the relationship should be resolved by a standardization theorem. Since this leads to difficulties, a new λ -calculus is introduced whose standardization theorem gives a good correspondence with BWIM as given by the SICP machine, but without the lower features. Next a call-by-name variant of BWIM is introduced which is in an analogous correspondence with the usual λ -calculus. The relation between call-by-value and call-by-name is then studied by giving simulations of each language by the other and interpretations of each calculus in the other. These are obtained as another application of the continuation technique. Some emphasis is placed throughout on the notion of operational equality (or conational equality). If terms can be proved equal in a calculus they are operationally equal in the corresponding language. Unfortunately, operational equality is not preserved by either of the simulations.

1. Introduction

Our intention is to study call-by-value and call-by-name in the setting of the lambda-calculus which was first used to explicate programming language features by Landin [5, 6, 7]. To this end, for each calling mechanism we set up a programming language and a formal calculus and then show how each determines the other. After that we give simulations of the call-by-value programming language by the call-by-name one and vice versa — this also provides interpretations of each calculus in the other one.

If the terms of the λ -calculus (we have in mind the λK - λ calculus for the moment) are regarded as rules, with a reduction relation showing how the r_i may be carried out and indeed with a normal order reduction sequence appearing, in deterministic fashion, all possible normal forms, then we have already pretty well determined a programming language.

On the other hand, the language can be regarded as giving true equations between programs (= terms of the calculus). Informally, one program equals another, operationally, if it can be substituted for the other in all contexts without "changing

o código tem então a seguinte forma

```
let rec height t k = match t with
| empty ->
    k 0
| Node (l, _, r) ->
    height l (fun hl ->
    height r (fun hr ->
    k (1 + max hl hk)))
```

constatamos que todas as chamadas a `height` e `k` são chamadas **terminais**

o cálculo de `height` faz-se em consequência usando espaço em pilha constante!

substituímos o espaço na pilha por espaço **na heap**

este é utilizado pelos fechos (das continuações)

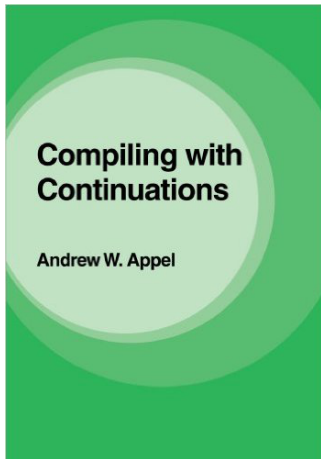
o primeiro fecho integra r e k , o segundo $h1$ e k

obviamente, há outras soluções, ad-hoc, para calcular a altura de uma árvore sem que estas provocam *stack overflow*

por exemplo na base de um percurso em profundidade

existam igualmente outras soluções se o tipo das árvores é mais complexo (árvores mutáveis, altura arquivada nos nodos, apontadores para os nodos pais, etc.)

mas a solução baseada no CPS tem o mérito de **ser mecânica**



e se a linguagem otimiza as chamadas recursivas mas não dispõe do mecanismo de funções anónimas (como a linguagem C, por exemplo)

basta construir explicitamente “*à mão*” os fechos

podemos até fazê-lo com base num tipo ad-hoc

```
enum kind { Kid, Kleft, Kright };

struct Kont {
  enum kind kind;
  union { struct Node *r; int hl; };
  struct Kont *kont;
};
```

e uma função para a aplicar

```
int apply(struct Kont *k, int v) { ... }
```

está técnica tem por nome **defoncionalização**
(Reynolds, 1972 - reeditado em 1998)

Definitional Interpreters for Higher-Order Programming Languages*

JOHN C. REYNOLDS**
Systems and Information Science, Syracuse University

Abstract. Higher-order programming languages (i.e., languages in which procedures or labels can occur in values) are usually defined by interpreters that are themselves written in a programming language based on the lambda calculus (i.e., an applicative language such as pure LISP). Examples include McCarthy's definition of LISP, Landin's SICP machine, the Vienna definition of PL, Reynolds' definition of GEDANKEN, and recent unpublished work by L. Morris and C. Wadsworth. Such definitions can be classified according to whether the interpreter contains higher-order functions, and whether the order of application (i.e., call by value versus call by name) in the defined language depends upon the order of application in the defining language. As an example, we consider the definition of a simple applicative programming language by means of an interpreter written in a similar language. Definitions in each of the above classifications are derived from one another by informal but constructive methods. The treatment of imperative features such as jumps and assignment is also discussed.

Keywords: programming language, language definition, interpreter, lambda calculus, applicative language, higher-order function, closure, order of application, continuation, LISP, GEDANKEN, PAL, SICP machine, λ -operator, reference.

1. Introduction

An important and frequently used method of defining a programming language is to give an interpreter for the language that is written in a second, hopefully better understood language. (We will call these two languages the *defined* and *defining* languages, respectively.) In this paper, we will describe and classify several varieties of such interpreters, and show how they may be derived from one another by informal but constructive methods. Although our approach to "constructive classification" is original, the paper is basically an attempt to review and systematize previous work in the field, and we have tried to make the presentation accessible to readers who are unfamiliar with this previous work.

(Of course, interpretation can provide an implementation as well as a definition, but there are large practical differences between these usages. Definitional interpreters often achieve clarity by sacrificing all semblance of efficiency.)

We begin by noting some salient characteristics of programming languages themselves. The features of these languages can be divided usefully into two categories: applicative features, such as expression evaluation and the definition and application of functions, and imperative features, such as statement sequencing, labels, jumps, assignment, and

* Work supported by Rome Air Force Development Center Contract No. 30602-72-C-0281 and ARPA Contract No. DASH20-72-C-0020. This paper originally appeared in the Proceedings of the ACM National Conference, volume 1, August, 1972, ACM, New York, pages 717-740.

** Current address: Department of Computer Science, Carnegie Mellon University, Pittsburgh, PA 15213, USA. e-mail: John.Reynolds@cs.cmu.edu

filtro

nas linguagens funcionais encontramos em geral uma construção chamada **filtro** (ou ainda concordância de padrão, ou *pattern-matching* em inglês), utilizada nas

- definições de funções

$$\text{function } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n$$

- nas condicionais generalizadas

$$\text{match } e \text{ with } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n$$

- nos gestores de exceções

$$\text{try } e \text{ with } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n$$

objectivo do compilador : transformar estas construções de alto nível para sequências de **testes elementares** (testes de constructores e comparações de valores constantes) e acesso a campos de valores estruturados

no que se segue, consideramos a construção

$$\text{match } x \text{ with } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n$$

(para a qual é fácil chegar, com a ajuda de um let)

um **padrão** (*pattern*) é definido pela sintaxe abstracta

$$p ::= x \mid C(p, \dots, p)$$

onde C é um **constructor**, que pode ser

- uma constante tal que `false`, `true`, `0`, `1`, `"hello"`, etc.
- um constructor constante de tipo soma, tal que `[]` ou por exemplo `Empty` declarado por `type t = Empty | ...`
- um constructor de aridade $n \geq 1$ tal que `::` ou por exemplo `Node` declarado por `type t = Node of t * t | ...`
- um constructor de n -tuplos, com $n \geq 2$

Definição (padrão linear)

Dizemos que um padrão p é **linear** se toda variável aparece no máximo uma vez em p .

exemplo : o padrão (x, y) é linear, mas (x, x) não o é

nota : OCaml só admite padrões não lineares nos padrões OU

```
# let (x,x) = (1,2);;
```

Variable x is bound several times in this matching

```
# let x,0 | 0,x = ...;;
```

na sequência desta exposição, consideraremos somente padrões lineares (e assim, não são considerados padrões OU)

os valores aqui considerados são aqui

$$v ::= C(v, \dots, v)$$

onde C designa o mesmo conjunto de constantes e de construtores que os que são considerados na definição dos padrões

Definição (filtro)

*Dizemos que um valor v **filtra** um padrão p se existe uma substituição σ de variáveis por valores tais que $v = \sigma(p)$.*

nota : podemos supor igualmente que o domínio de σ , isto é o conjunto das variáveis x tais que $\sigma(x) \neq x$, está incluído no conjunto das variáveis de p

é óbvio que todo o valor filtra $p = x$ (basta considerar σ tal que $\sigma(x) = v$) ;
 mais,

Proposição

Um valor v filtra $p = C(p_1, \dots, p_n)$ se e só se v é da forma $v = C(v_1, \dots, v_n)$ com v_i que filtra p_i para todo $i = 1, \dots, n$.

demonstração :

- seja v que filtra p ; temos então $v = \sigma(p)$ para um certo σ , seja $v = C(\sigma(p_1), \dots, \sigma(p_n))$ e definimos então $v_i = \sigma(p_i)$
- de forma recíproca, se v_i filtra p_i para todo i , então existe σ_i tais que $v_i = \sigma_i(p_i)$; como p é linear, os domínios dos σ_i disjuntos entre si e temos então $\sigma_i(p_j) = p_j$ se $i \neq j$

definindo $\sigma = \sigma_1 \circ \dots \circ \sigma_n$, temos $\sigma(p_i) = \sigma_1(\sigma_2(\dots \sigma_n(p_i))\dots)$ logo

$$\begin{aligned} &= \sigma_1(\sigma_2(\dots \sigma_i(p_i))\dots) \\ &= \sigma_1(\sigma_2(\dots v_i)\dots) \\ &= v_i \end{aligned}$$

$\sigma(p) = C(\sigma(p_1), \dots, \sigma(p_n)) = C(v_1, \dots, v_n) = v$

□

Definição

No filtro

$$\text{match } x \text{ with } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n$$

se v é o valor de x , dizemos que v filtra o caso p_i se v filtra p_i e se v não filtra p_j para todo o $j < i$.

O resultado do filtro é então $\sigma(e_i)$, onde σ é a substituição tal que $\sigma(p_i) = v$.

se v não filtra nenhum p_i , o filtro resulta num erro de execução (exceção `Match_failure` em OCaml)

consideremos um primeiro algoritmo de compilação do filtro

assumimos que dispomos de

- $constr(e)$, que retorna o constructor do valor e ,
- $\#_i(e)$, que retorna a sua i -ésima componente

ou seja, se $e = C(v_1, \dots, v_n)$ então $constr(e) = C$ e $\#_i(e) = v_i$

nota : já vimos como os valores de OCaml estavam representados, deduz-se daí como implementar estas funções

começamos pela compilação de uma linha de filtro

$$\text{code}(\text{match } e \text{ with } p \rightarrow \text{action}) = F(p, e, \text{action})$$

onde a função de compilação F está definida da seguinte forma :

$$F(x, e, \text{action}) =$$

let $x = e$ in action

$$F(C, e, \text{action}) =$$

if $\text{constr}(e) = C$ then action else error

$$F(C(p), e, \text{action}) =$$

if $\text{constr}(e) = C$ then $F(p, \#_1(e), \text{action})$ else error

$$F(C(p_1, \dots, p_n), e, \text{action}) =$$

if $\text{constr}(e) = C$ then

$F(p_1, \#_1(e), F(p_2, \#_2(e), \dots F(p_n, \#_n(e), \text{action}) \dots)$

else error

consideremos por exemplo

```
match x with 1 :: y :: z -> y + length z
```

a sua compilação devolve o (pseudo-)código seguinte :

```
if constr(x) = :: then
  if constr(#1(x)) = 1 then
    if constr(#2(x)) = :: then
      let y = #1(#2(x)) in
      let z = #2(#2(x)) in
      y + length(z)
    else error
  else error
else error
```

nota : $\#_2(x)$ é calculada várias vezes \Rightarrow poderíamos introduzir os let necessários na definição de F para remediar esta situação

mostremos que se $e \xrightarrow{*} v$ então

$$\begin{array}{ll} F(p, e, action) \xrightarrow{*} \sigma(action) & \text{se existe } \sigma \text{ tal que } v = \sigma(p) \\ F(p, e, action) \xrightarrow{*} error & \text{senão} \end{array}$$

demonstração : por recorrência sobre p

- $p = x$ ou $p = C$: trivial.
- $p = C(p_1, \dots, p_n)$:
 - se $constr(v) \neq C$, não existe σ tal que $v = \sigma(p)$ e $F(C(p_1, \dots, p_n), e, action) = error$
 - se $constr(v) = C$, temos $v = C(v_1, \dots, v_n)$; σ tal que $v = \sigma(p)$ existe se e só se existem σ_i tais que $v_i = \sigma_i(p_i)$

se um dos σ_i não existe, então a chamada $F(p_i, \#_i(e), \dots)$ se reduz para $error$ e $F(p, e, action)$ igualmente

se todos os σ_i existem, então por hipótese de indução

$$\begin{aligned} F(p, e, action) &= F(p_1, \#_1(e), F(p_2, \#_2(e), \dots F(p_n, \#_n(e), action) \dots)) \\ &= F(p_1, \#_1(e), F(p_2, \#_2(e), \dots \sigma_n(action) \dots)) \\ &= \sigma_1(\sigma_2(\dots \sigma_n(action) \dots)) = \sigma(action) \end{aligned} \quad \square$$

para filtrar várias linhas, substituímos *error* pela passagem à linha seguinte

$$\text{code}(\text{match } x \text{ with } p_1 \rightarrow e_1 \mid \dots \mid p_n \rightarrow e_n) = \\ F(p_1, x, e_1, F(p_2, x, e_2, \dots F(p_n, x, e_n, \text{error}) \dots))$$

onde a função de compilação F é agora definida por :

$$\begin{aligned} F(x, e, \text{sucesso}, \text{falha}) &= \\ &\quad \text{let } x = e \text{ in } \text{sucesso} \\ F(C, e, \text{sucesso}, \text{falha}) &= \\ &\quad \text{if } \text{constr}(e) = C \text{ then } \text{sucesso} \text{ else } \text{falha} \\ F(C(p_1, \dots, p_n), e, \text{sucesso}, \text{falha}) &= \\ &\quad \text{if } \text{constr}(e) = C \text{ then} \\ &\quad \quad F(p_1, \#_1(e), F(p_2, \#_2(e), \dots F(p_n, \#_n(e), \text{sucesso}, \text{falha}) \dots, \text{falha})) \\ &\quad \text{else } \text{falha} \end{aligned}$$

a compilação de

```
match x with [] -> 1 | 1 :: y -> 2 | z :: y -> z
```

dá o código seguinte

```
if constr(x) = [] then
  1
else
  if constr(x) = :: then
    if constr(#1(x)) = 1 then
      let y = #2(x) in 2
    else
      if constr(x) = :: then
        let z = #1(x) in let y = #2(x) in z
      else error
  else
    if constr(x) = :: then
      let z = #1(x) in let y = #2(x) in z
    else error
```

este algoritmo é pouco eficaz porque

- efectuamos várias vezes os mesmos testes (de uma linha para a outra)
- efectuamos testes redundantes (se $constr(e) \neq []$ então necessariamente $constr(e) = ::$)

consideramos outro algoritmo que considera o problema do filtro de n linhas na sua globalidade

representamos o problema na forma de uma **matriz**

$$\left| \begin{array}{cccc} e_1 & e_2 & \dots & e_m \\ p_{1,1} & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} & \rightarrow & action_1 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots & \vdots & \vdots \\ p_{n,1} & p_{n,2} & \dots & p_{n,m} & \rightarrow & action_n \end{array} \right|$$

cujo significado é

$$\begin{array}{l} \text{match } (e_1, e_2, \dots, e_m) \text{ with} \\ | (p_{1,1}, p_{1,2}, \dots, p_{1,m}) \rightarrow action_1 \\ | \dots \\ | (p_{n,1}, p_{n,2}, \dots, p_{n,m}) \rightarrow action_n \end{array}$$

o algoritmo F actua recursivamente sobre a matriz

- $n = 0$

$$F \left| \begin{array}{ccc} e_1 & \dots & e_m \end{array} \right| = error$$

- $m = 0$

$$F \left| \begin{array}{c} \rightarrow action_1 \\ \vdots \\ \rightarrow action_n \end{array} \right| = action_1$$

se toda a coluna esquerda é composta de **variáveis**

$$M = \left| \begin{array}{cccc} e_1 & e_2 & \dots & e_m \\ x_{1,1} & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} \rightarrow action_1 \\ \vdots & & & \\ x_{n,1} & p_{n,2} & \dots & p_{n,m} \rightarrow action_n \end{array} \right|$$

eliminamos esta coluna pela introdução dos let

$$F(M) = F \left| \begin{array}{ccc} e_2 & \dots & e_m \\ p_{1,2} & \dots & p_{1,m} \rightarrow \text{let } x_{1,1} = e_1 \text{ in } action_1 \\ \vdots & & \\ p_{n,2} & \dots & p_{n,m} \rightarrow \text{let } x_{n,1} = e_1 \text{ in } action_n \end{array} \right|$$

senão, é porque a coluna esquerda contém pelo menos um padrão construído

supomos, por exemplo, que haja nesta coluna três construtores diferentes, C de aridade 1, D de aridade 0 e E de aridade 2

$$M = \begin{array}{cccc|ccc} e_1 & e_2 & \dots & e_m & & & \\ C(q) & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} & \rightarrow & action_1 & \\ D & p_{2,2} & & p_{2,m} & \rightarrow & action_2 & \\ x & p_{3,2} & & p_{3,m} & \rightarrow & action_3 & \\ E(r, s) & p_{4,2} & & p_{4,m} & \rightarrow & action_4 & \\ y & p_{5,2} & & p_{5,m} & \rightarrow & action_5 & \\ C(t) & p_{6,2} & & p_{6,m} & \rightarrow & action_6 & \\ E(u, v) & p_{7,2} & \dots & p_{7,m} & \rightarrow & action_7 & \end{array}$$

para cada construtor C , D e E , construímos a sub-matriz que corresponde ao filtro de um valor para este construtor

$$M = \left(\begin{array}{cccc|l} e_1 & e_2 & \dots & e_m & \\ C(q) & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} & \rightarrow \text{action}_1 \\ D & p_{2,2} & & p_{2,m} & \rightarrow \text{action}_2 \\ x & p_{3,2} & & p_{3,m} & \rightarrow \text{action}_3 \\ E(r, s) & p_{4,2} & & p_{4,m} & \rightarrow \text{action}_4 \\ y & p_{5,2} & & p_{5,m} & \rightarrow \text{action}_5 \\ C(t) & p_{6,2} & & p_{6,m} & \rightarrow \text{action}_6 \\ E(u, v) & p_{7,2} & \dots & p_{7,m} & \rightarrow \text{action}_7 \end{array} \right)$$

donde

$$M_C = \left(\begin{array}{cccc|l} \#_1(e_1) & e_2 & \dots & e_m & \\ q & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} & \rightarrow \text{action}_1 \\ - & p_{3,2} & & p_{3,m} & \rightarrow \text{let } x = e_1 \text{ in } \text{action}_3 \\ - & p_{5,2} & & p_{5,m} & \rightarrow \text{let } y = e_1 \text{ in } \text{action}_5 \\ t & p_{6,2} & \dots & p_{6,m} & \rightarrow \text{action}_6 \end{array} \right)$$

$$M = \left| \begin{array}{cccc} e_1 & e_2 & \dots & e_m \\ C(q) & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} \rightarrow \text{action}_1 \\ D & p_{2,2} & & p_{2,m} \rightarrow \text{action}_2 \\ x & p_{3,2} & & p_{3,m} \rightarrow \text{action}_3 \\ E(r, s) & p_{4,2} & & p_{4,m} \rightarrow \text{action}_4 \\ y & p_{5,2} & & p_{5,m} \rightarrow \text{action}_5 \\ C(t) & p_{6,2} & & p_{6,m} \rightarrow \text{action}_6 \\ E(u, v) & p_{7,2} & \dots & p_{7,m} \rightarrow \text{action}_7 \end{array} \right|$$

donde

$$M_D = \left| \begin{array}{ccc} e_2 & \dots & e_m \\ p_{2,2} & & p_{2,m} \rightarrow \text{action}_2 \\ p_{3,2} & & p_{3,m} \rightarrow \text{let } x = e_1 \text{ in action}_3 \\ p_{5,2} & \dots & p_{5,m} \rightarrow \text{let } y = e_1 \text{ in action}_5 \end{array} \right|$$

$$M = \left(\begin{array}{cccc|l} e_1 & e_2 & \dots & e_m & \\ C(q) & p_{1,2} & \dots & p_{1,m} & \rightarrow \text{action}_1 \\ D & p_{2,2} & & p_{2,m} & \rightarrow \text{action}_2 \\ x & p_{3,2} & & p_{3,m} & \rightarrow \text{action}_3 \\ E(r, s) & p_{4,2} & & p_{4,m} & \rightarrow \text{action}_4 \\ y & p_{5,2} & & p_{5,m} & \rightarrow \text{action}_5 \\ C(t) & p_{6,2} & & p_{6,m} & \rightarrow \text{action}_6 \\ E(u, v) & p_{7,2} & \dots & p_{7,m} & \rightarrow \text{action}_7 \end{array} \right)$$

done

$$M_E = \left(\begin{array}{cc|ccc|l} \#_1(e_1) & \#_2(e_1) & e_2 & \dots & e_m & \\ - & - & p_{3,2} & & p_{3,m} & \rightarrow \text{let } x = e_1 \text{ in } \text{action}_3 \\ r & s & p_{4,2} & & p_{4,m} & \rightarrow \text{action}_4 \\ - & - & p_{5,2} & & p_{5,m} & \rightarrow \text{let } y = e_1 \text{ in } \text{action}_5 \\ u & v & p_{7,2} & \dots & p_{7,m} & \rightarrow \text{action}_7 \end{array} \right)$$

finalmente definimos uma sub-matriz para os outros valores (de construtores diferentes de C , D e E), isto é, para as variáveis

$$M_R = \left| \begin{array}{ccc} e_2 & \dots & e_m \\ p_{3,2} & & p_{3,m} \rightarrow \text{let } x = e_1 \text{ in } action_3 \\ p_{5,2} & \dots & p_{5,m} \rightarrow \text{let } y = e_1 \text{ in } action_5 \end{array} \right|$$

definimos então

$$F(M) = \text{case } \textit{constr}(e_1) \text{ in}$$
$$C \Rightarrow F(M_C)$$
$$D \Rightarrow F(M_D)$$
$$E \Rightarrow F(M_E)$$
$$\text{otherwise} \Rightarrow F(M_R)$$

este algoritmo termina

de facto, a medida

$$\sum_{i,j} tamanho(p_{i,j})$$

é natural ($\in \mathbb{N}$) e diminuí estritamente a cada chamada recursiva de F , se definimos

$$\begin{aligned} tamanho(x) &= 1 \\ tamanho(C(p_1, \dots, p_n)) &= 1 + \sum_{i=1}^n tamanho(p_i) \end{aligned}$$

a correção deste algoritmo é deixada em exercício

indicação : utilizar a interpretação da matriz como

$$\begin{array}{l} \text{match } (e_1, e_2, \dots, e_m) \text{ with} \\ | (p_{1,1}, p_{1,2}, \dots, p_{1,m}) \rightarrow \text{action}_1 \\ | \dots \\ | (p_{n,1}, p_{n,2}, \dots, p_{n,m}) \rightarrow \text{action}_n \end{array}$$

o tipo das expressões e_1 permite otimizar a construção

```
case constr( $e_1$ ) in
   $C \Rightarrow F(M_C)$ 
   $D \Rightarrow F(M_D)$ 
   $E \Rightarrow F(M_E)$ 
  otherwise  $\Rightarrow F(M_R)$ 
```

em numerosos casos :

- sem teste se um só construtor (por ex. n -tupolo) : $F(M) = F(M_C)$
- sem caso otherwise quando C , D e E são os únicos construtores
- um simples if then else quando só há dois construtores
- uma tabela de salto quando a um número finito de construtor
- uma árvore binária ou uma tabela de dispersão quando há uma infinidade de construtores (no caso, por exemplo, das strings)

consideremos

```
match x with [] -> 1 | 1 :: y -> 2 | z :: y -> z
```

isto é, a matriz

$$M = \left| \begin{array}{ll} x & \\ \square & \rightarrow 1 \\ 1::y & \rightarrow 2 \\ z::y & \rightarrow z \end{array} \right|$$

obtemos

```
case constr(x) in
  [] -> 1
  :: -> case constr(#1(x)) in
    1 -> let y = #2(x) in 2
    otherwise -> let z = #1(x) in let y = #2(x) in z
```

- deteção dos **caso redundantes**
quando uma accção não aparece no código produzido

exemplo

```
match x with false -> 1 | true -> 2 | false -> 3
```

dá

```
case constr(x) in false -> 1 | true -> 2
```

- deteção dos **filtros não exaustivos**
quando *error* aparece no código produzido

exemplo

```
match x with 0 -> 0 | 1 -> 1
```

dá

```
case constr(x) in 0 -> 0 | 1 -> 1 | otherwise -> error
```

conclusão

- práticas: continuação da prática anterior
- próxima aula teórica
 - compilação das linguagens orientadas a objecto

estes acetatos resultam essencialmente de uma adaptação do material pedagógico gentilmente cedido pelo Jean-Christophe Filliâtre ([link1](#), [link2](#))

adicionalmente poderá consultar as obras seguintes

- **Modern Compilers: Principles, Techniques, and Tools**, Alfred V. Aho, Monica S. Lam, Ravi Sethi et Jeffrey D. Ullman
- **Types and Programming Languages**, Benjamin C. Pierce
- **Modern Compiler Implementation**, Andrew W. Appel (3 versões: ML, C, Java)

